



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



A Encruzilhada de Exu e uma Educação para a vida

Thomas Teixeira Fidryszewski¹

thomas.t.f@hotmail.com

FURB - Universidade Regional de Blumenau

Rodrigo Diaz de Vivar y Soler²

rsoler@furb.br

FURB - Universidade Regional de Blumenau

INTRODUÇÃO

Por que relacionar Exu à educação? Para responder a esta questão, proponho iniciar problematizando a emergência da sociedade disciplinar e o dispositivo escolar como espaços de adestramento dos corpos, tomando como emblema a Encruzilhada de Exu como processo de ruptura do modelo disciplinar de educação.

Tendo em vista uma educação a serviço do "modelo dominante" (RUFINO, 2021), as experiências marginalizadas da existência colocam-se como signos de resistência ao modelo de educação colonial. Dessa maneira, podem os saberes e práticas de corpos periféricos modular diferentes formas de subjetivação? Sujeitos colonizados vistos como um problema a ser normalizado dentro da escola não poderiam vir a se constituir a partir da Encruzilhada de Exu como uma potência ontológica?

A Encruzilhada emerge como resistência ao "desencante colonial" (RUFINO, 2021). Este "desencante" que mata ontologicamente os sujeitos não-brancos, é produzido pelo colonialismo e se utiliza da escola como dispositivo de desencantamento, retirando o "Axé vital" (RUFINO, 2021) e ajustando as experiências de vida ao colonialismo. Pensar Educação por vias da Encruzilhada de Exu, viabiliza subjetivações potencializadas com a produção de Axé, sem castas; rompendo com o modelo de escola/catequese, ele ergue a vida em uma "encantaria implicada em contrariar toda e qualquer lógica de dominação" (RUFINO, 2021, p. 19). Um modelo educativo que redimensiona problemáticas educativas em relação à diversidade, revelando modos de Educação como cultura.

A Encruzilhada, em uma perspectiva epistemológica, emerge como potencialidades aos indesejados do colonialismo. Exu como senhor das encruzilhadas, nos remete a pensar naquilo que Edelu Kawahala chamou de "Epistemologia de Exu, recorrendo ao signo de Exu como uma possibilidade de rompimento com as epistemologias eurocêntricas." (KAWAHALA, 2014, p. 33). Como princípio da potência de vida, destituir Exu seria como destituir a vida; deste modo, Rufino (2019, p. 25) diz que "uma educação (experiência humana) que não considera Exu, suas operações e efeitos é, em suma, uma educação imóvel, avessa à vida, às diversidades e às transformações". É Exu que transforma, que transcende e eleva a vida para além do colonialismo, ele destrona todas e quaisquer experiências de dominação e as coloca na Encruzilhada, que, por sua vez, transmuta as experiências e produz novos saberes com o cruzo das diversidades. É a potencialização da vida, é o Axé de Exu!

Deste modo, a pesquisa será desenvolvida com o objetivo principal: Pensar os processos pedagógicos da Encruzilhada de Exu como potencialização do corpo em uma Educação anticolonial. E objetivos secundários: Problematizar o modelo disciplinar de controle dos corpos e fomentar como, historicamente, ele foi produzido; Indagar a colonização da Educação como processo de gestão para a morte; Analisar as possibilidades de uma Educação anticolonial a partir da Encruzilhada de Exu.

MATERIAIS E MÉTODO

A pesquisa está sendo desenvolvida a partir de visitas ao campo, que ocorreram em três momentos, primeira ida ao terreiro para sentir como a pesquisa seria acolhida, segundo momento foi agendado uma conversa com o sacerdote do terreiro Pai Pépé D'Otolu, em que eu apresento a pesquisa e os meus interesses no terreiro, e o terceiro momento que foi no dia da gira de Exu, o qual fiz os registros escritos, fotografias e gravações para futura transcrição. Na intenção de analisar de que maneira os



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



sujeitos desenvolvem suas atividades a partir da Encruzilhada e indagar qual a concepção de Educação para Exu.

A pesquisa conta com interferências da etnografia. Conforme Saéz (2009), a maior (embora mínima) contribuição da antropologia, a partir de dados etnográficos, é a de possibilitar a reflexão humana acerca da diversidade das formas de ser e estar no mundo.

O método utilizado possibilita ao pesquisador analisar outras perspectivas de Educação anti-coloniais, problematizando o desencantamento colonial que inviabiliza outras possibilidades de vida que não sejam ajustadas ao colonialismo.

Para sustentar teoricamente a pesquisa, problematiza-se a emergência da sociedade disciplinar, o qual descobre-se o corpo como objeto e alvo de poder; este corpo que se "manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil, ou cujas forças se multiplicam" (FOUCAULT, 2014, p. 15) carece de espaços como a escola para a disciplinarização dos sujeitos.

Este processo de adestramento segue a lógica colonial, que para Fanon (2008) "caracteriza-se pelo desejo de dominação do outro", utilizando-se da escola/catequese para o assujeitamento dos não-colonizados, tornando a escola um aparelho de captura para a produção do colonialismo. Até que ponto a escola não é só um espaço de adestramento colonial? A escola é para todos? Perguntas que não escapam ao questionamento, já que nem todos serão adestrados ao colonialismo, deste modo, diversas estratégias de resistência são produzidas e desenvolvidas nas margens das sociedades colonizadas, subjetivações que vão além da lógica dominante e do assassinato ontológico produzido pelo colonialismo. Para Fanon (1968, p. 254): "O colonialismo não fez senão despersonalizar o colonizado. [...] O povo colonizado vê-se então reduzido a um conjunto de indivíduos que só encontram fundamento na presença do colonizador." Assim, Luiz Rufino (2021, p. 10.) afirma que a "Educação não pode estar a serviço do modelo dominante [...] pois é a força motriz que possibilita enveredarmos e nos mantermos atentos e atuantes nos processos de descolonização"; deste modo, sujeitos desajustados que resistiram aos processos de colonização educam-se por meio de suas experiências de vida e modos de resistência; algo que é estranho ao colonialismo e, no entanto, carece de controle do Estado, que, por meio de dispositivos de segurança atuantes, controla os corpos indesejados.

Políticas de controle da população são desenvolvidas para manutenção da soberania do colonialismo; este controle que regula a manutenção de um tipo de vida é o que Michel Foucault (1988) chamou de Biopolítica, o que proporciona ao Estado o direito de deixar viver ou de matar sua população, no intuito de garantir a sobrevivência da soberania do pensamento colonial. Deste modo, o assassinato dos sujeitos desajustados se justifica, produzindo uma política de morte a todos que não se modelam ao colonialismo. Os dispositivos de segurança atuam para controlar e matar, o que Achille Mbembe (2016) chamou de "Necropolítica", políticas de morte aos não colonizados, ao negro, aos macumbeiros e todos os sujeitos que não se ajustaram à lógica colonial, que é "heteropatriarcal, antropoceno e eurocentrista." (RUFINO, 2021, p. 13).

Deste modo, a Encruzilhada como espaço de resistência transgride e reivindica todas as possibilidades que se julga como a única credível, desmantelando o colonialismo. A partir da Encruzilhada, propõe-se uma Educação descolonizada, afinal, Exu é o senhor dos caminhos, o que "revela o caráter dinâmico, criativo e inacabado do signo. Assim, dar caminho não é necessariamente apontar o trajeto, mas potencializar/praticar as possibilidades" (RUFINO, 2019, p. 109).

A Encruzilhada emerge como ato de libertação do "desencanto colonial" (RUFINO, 2021), possibilitando e potencializando a diversidade. A violência colonial tem sido marcante na vida dos não-colonizados, ela desmantela as existências, provoca desvios ontológicos, agride, tira seu sangue e vai até a última gota, esgotando todas as forças e humilhando o máximo possível os que resistem ao colonialismo.

A pedagogia a partir de Exu possibilita pensar a Educação como "dimensão política, ética, estética e de prática do saber comprometida com a diversidade das existências e das experiências sociais é, em suma, um radical descolonizador" (RUFINO, 2021, p. 12). A Encruzilhada amplia a multiplicidade



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



de formas, rompendo com uma Educação que esteja a serviço das políticas de dominação, afinal, Exu é indomável, incapaz de ser controlado. Para Rufino (2019, p. 45), "ao confrontar a hegemonia de um modelo que se reivindica como único, denuncia sua parcialidade em relação aos outros existentes" e, deste modo, Exu nos apresenta uma pedagogia das Encruzilhadas como um indicador da não-redenção do colonialismo, potencializando vidas e produzindo Educação nas fissuras do dispositivo disciplinar do colonialismo.

RESULTADOS

A pesquisa não apresenta resultados até o momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa está na fase de transcrições da experiência de campo. Logo terei as categorias de análises e os primeiros resultados. Utilizarei os conceitos de Orlando Fals Borda e sua Pesquisa-ação-participante para embasamento científico.

Vejo a pesquisa como fundamental para a elaboração de novas ideias e práticas pedagógicas, potencializando outras possibilidades de estrutura e práticas que não sejam castradoras, de controle e dominação. Que possa proporcionar um espaço de potencialização dos sujeitos, que alcancem resultados por meio da vida, do Axé de Exu.

Palavras-chave: Educação. Exu. Encruzilhada. Descolonização.

AGRADECIMENTOS

Capes

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; Tradução Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**; Trad. José Laurênio de Melo; Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1968.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; trad. Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2014

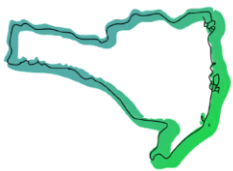
FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**; Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

KAWAHALA, Edelu. **A encruzilhada tem muitos caminhos... Teoria descolonial e epistemologia de Exu na canção de Martinho da Vila**; Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**; Arte e ensaios, revista PPGAV/EBA/UFRJ; ed. 32; Rio de Janeiro, 2016.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**; 1. ed. - Rio de Janeiro : Mórula, 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**; Rio de Janeiro : Mórula, 2019.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



SAÉZ, Oscar Calávia. **Por uma antropologia minimalista:** Antropologia em Primeira Mão. 112, PPGAS/UFSC, 2009.